



ANÁFORA A DISTÂNCIA: ASPECTOS MULTIMODAIS, EPISTÊMICOS E NORMATIVOS EM INTERAÇÃO¹

L'ANAPHORE À DISTANCE: ENJEUX MULTIMODAUX, ÉPISTÉMIQUES ET NORMATIFS EN INTERACTION²

Laurent Camus **Université de Bâle**, Lorenza Mondada **Université de Bâle**
Tradução: Alena Ciulla³, Suzana Leite Cortez⁴, Mayara Arruda Martins⁵

RESUMO

Este artigo adota uma abordagem conversacional, interacionista e multimodal para estudar os fenômenos de recuperação anafórica a distância. A investigação aborda uma situação natural que torna particularmente salientes as questões epistêmicas e normativas relacionadas às anáforas, propondo tratá-las como problemas práticos resolvidos *in situ* pelos participantes no decorrer da sua atividade. A partir da análise em vídeo das interações entre garçons e clientes em um restaurante gastronômico, o artigo mostra, de fato, como as questões memoriais inerentes à recuperação anafórica se tornam visíveis, explícitas pelos próprios participantes e tratadas por eles na formatação multimodal de seus turnos.

Palavras-chave: interação; multimodalidade; anáfora; dêixis; apontamento.

1 INTRODUÇÃO

A literatura linguística sobre anáfora tem discutido amplamente a presença (ou a ausência) de antecedentes (e a própria noção de antecedente), a relação entre anáfora e dêixis, a distância entre o antecedente e a recuperação anafórica, a diferenciação de marcações morfossintáticas de referentes novos *versus* referentes conhecidos ou, de maneira mais geral, a memória cognitiva e discursiva. Este artigo propõe abordar essas questões a partir de uma perspectiva interacionista herdada da análise conversacional multimodal. Essa abordagem visa situar a anáfora em seu contexto interacional emergente, considerando, além das formas linguísticas, fenômenos corporais, como gestos, olhares ou posturas do corpo envolvidos nas retomadas anafóricas. Com base em um *corpus* de vídeo que documenta uma atividade situada autêntica, envolvendo vários interlocutores, o artigo mostra que a anáfora não é apenas um problema para um enunciador singular ou seu destinatário, mas um problema prático elaborado coletivamente pelos coparticipantes na interação.

Este artigo tem interesse na maneira como a referência anafórica é formatada a distância. O trabalho mostra como os participantes se orientam em torno da especificidade de suas escolhas linguísticas que são concretizadas nas repetições anafóricas, quais são os problemas práticos e as soluções que encontram. Ao fazer isso, o artigo enfatiza a relevância dos aspectos epistêmicos e memoriais, na medida em que se tornam visíveis e explícitos pelos próprios interactantes durante sua atividade.

Com base em gravações em vídeo de refeições em um restaurante gastronômico, a análise contempla a apresentação da tábua de queijos e as sucessivas escolhas feitas pelos clientes, retomando os itens da lista elaborada pelo garçom. Uma série de referentes foi inicialmente introduzida de maneira explícita, sendo uma parte retomada após um certo lapso de tempo (vários minutos). Estudamos sua formatação multimodal, mas também as questões epistêmicas, normativas e sociointeracionais. A atividade de retomada aqui estudada é uma prática situada, própria de uma situação social particular, mas que, apesar do seu caráter singular, apresenta formas de sistematicidade e regularidade que a tornam uma prática significativa para a investigação de anáforas em interação.

A situação estudada, documentada tal como se desenrola de maneira corriqueira, independentemente da presença do pesquisador, constitui um contexto exemplar para o estudo da anáfora e dos problemas de memória a ela associados. Nessas retomadas, o “antecedente” não representa um problema, uma vez que os referentes são introduzidos explicitamente em uma sequência inicial e permanecem visualmente acessíveis no carrinho de queijos para todos os participantes, enquanto estes selecionam aqueles para degustação – ocasionando referências sucessivas, que são tanto anafóricas quanto dêiticas (cf. a noção de *anadeixis* em Ehlich (1982); e em Cornish (2011, 2017)). Esta prática comum levanta questões cognitivas relacionadas, em particular, à memorização dos nomes dos objetos (um problema prático explicitamente comentado pelos participantes em muitas ocasiões), ao grau de conhecimento especializado dos falantes (capazes ou não de reconhecer os queijos), ou à assimetria epistêmica entre os falantes (neste caso, entre o garçom, que apresenta a referência pela primeira vez, e os clientes que realizam as retomadas) (HERITAGE, 2012). Essa situação “natural” poderia ser comparada a muitos dos dispositivos experimentais usados em Psicolinguística e Psicologia Cognitiva para testar anáfora e memória. Esses dispositivos consistem em apresentar uma lista de palavras aos sujeitos pela primeira vez, sob diferentes condições ou visualizações, fazendo-os reconhecer ou reproduzir parte dessas palavras após um certo lapso de tempo (VERFAELLIE *et al.*, 2010). Memorizar e recuperar as descrições de objetos inseridos pelo garçom constitui um problema prático para os clientes. Esta atividade permite, assim, problematizar – a partir de uma situação “natural”, não experimental, situada no seu contexto mundano ordinário e não orquestrado pelo pesquisador – questões clássicas na literatura sobre anáfora e sobre memória.

2 ANÁFORA, DA INTROSPECÇÃO À INTERAÇÃO

Os estudos de anáfora baseiam-se majoritariamente em exemplos introspectivos ou em dados escritos, raramente convocando dados orais e, menos ainda, dados que documentam interações autênticas. Embora fatores contextuais tenham sido frequentemente invocados para explicar a anáfora, paradoxalmente, ela tem sido pouco estudada em atividades situadas.

A distribuição ordenada das expressões referenciais e anafóricas no interior de um texto é uma problemática central para a linguística funcional. Ela foi analisada em termos de escalas de ativação e acessibilidade (ARIEL, 1990), de entidades referenciais na representação mental do interlocutor, e de marcações correspondentes, com referência ao *status* mais ou menos “dado” (*given*) da entidade, em termos de ancoragem mais ou menos forte na memória cognitiva ou discursiva (cf. a “hierarquia de dados” em Gundel *et al.* (1993)). A relação entre a primeira menção e a retomada correferencial também foi discutida em termos de distância (‘medida em parágrafos’

conforme Ariel (1994, p. 18)) – a retomada por uma descrição definida ou por um nome completo sendo favorecido pela distância. A escala de acessibilidade de Ariel (1990, p. 73) estabelece uma gradualidade indo dos pronomes (considerados marcadores de acessibilidade máxima), aos demonstrativos (remetendo a uma acessibilidade média) e, finalmente, aos nomes próprios e descrições definidas (caracterizando baixa acessibilidade). No entanto, a própria Ariel (1994, p. 17, 27) menciona que os pronomes podem ser utilizados sem antecedentes e que os nomes podem ser usados em retomadas correferenciais em distâncias curtas. Para lidar com esses casos, ela menciona os princípios de saliência, concorrência e contraste entre vários referentes possíveis, bem como unidade e coerência discursiva (*versus* deslizos e mudanças de perspectiva). Tomados em conjunto, eles determinam o grau de ativação do referente na representação cognitiva do interlocutor (1994, p. 14).

A análise conversacional se interessa pela maneira como os participantes negociam, verificam (e, se necessário, reparam) o estabelecimento e a inteligibilidade mútua da referência no curso da interação (SACKS; SCHEGLOFF, 1979; SCHEGLOFF, 1996). Tal postura analítica possibilitou uma abordagem interacionista da anáfora (FOX, 1987, 1996; LAURY, 2002; PEKAREK, 1999; PEKAREK DÖEHLER, 2000a, 2000b), em que as escolhas linguísticas são consideradas como fenômenos manifestados pelos falantes no decorrer da interação, e interpretadas como tal pelos coparticipantes.

Em um dos primeiros trabalhos interacionais sobre anáfora, focado na referência pessoal, na 3ª pessoa do singular, Fox (1987) explica a retomada pronominal de um referente previamente introduzido por um SN, não em termos de distância textual, mas em termos de organização sequencial da interação: a retomada pronominal mostra que a sequência em que o SN foi introduzido não está fechada; por outro lado, se o locutor considerar que a sequência está fechada, ele usará um SN. Isso também permite ao locutor realizar *return pops*, ou seja, estabelecer e exibir continuidades para além de uma interrupção ou suspensão da sequência, por “pronominalizações de longa distância” Fox (1987, p. 29-30). Paralelamente aos trabalhos de Fox, Schegloff (1996) propõe um esboço de sistematização, considerando uma dupla dimensão: a *posição* inicial ou sucessiva da menção ao referente e o emprego de *formas* referenciais iniciais ou sucessivas. Ele mostra, assim, que o uso de uma forma nominal (isto é, de uma forma inicial) em uma posição sucessiva manifesta regularmente uma discordância entre os interlocutores (1996, p. 453); de maneira mais geral, a escolha das formas referenciais permite realizar todo tipo de ações interacionais (1996, p. 449). Além disso, nesta contribuição, Schegloff retoma a noção de “preferência por *recognitionals*”, que ele havia introduzido com Sacks em 1979. Os *recognitionals* são tipicamente nomes, enquanto os *non-recognitionals* são formas (como “alguém”, “esse cara”, “essa mulher”), que não pressupõem nenhum conhecimento por parte do interlocutor. Os participantes na interação usam, se possível, os *recognitionals*, procurando verificar se eles são efetivamente reconhecidos pelos interlocutores (por exemplo, usando um *recognitional* marcado por tentativa, com uma entonação interrogativa que será convertida em um *non-recognitional*, se o interlocutor não validá-la). Assim, as suposições do falante sobre os conhecimentos do interlocutor não são redutíveis às hipóteses do analista que atribuem estados cognitivos e memoriais ao interlocutor, mas são problemas práticos que são resolvidos em encadeamentos conversacionais pelos próprios participantes.

Os trabalhos sobre a anáfora interessados na maneira como os falantes se orientam em relação às suas escolhas linguísticas focaram em particular a relação entre as formas anafóricas e dêiticas. Embora dêixis e anáfora sejam geralmente consideradas mutuamente excludentes, vários trabalhos têm mostrado que elas podem usar as mesmas formas (por exemplo, os demonstrativos). Essa constatação levou ao estabelecimento de escalas graduais entre pronomes e nomes, no centro

das quais estão os demonstrativos, possibilitando designar referentes disponíveis e proeminentes em uma representação discursiva, motivando a noção de *anadeixis* (CORNISH, 2007, 2011).

Embora reconheça a importância da indicialidade e do contexto, é notável que essa literatura sobre anáfora e dêixis tenha poucos trabalhos que se concentraram especificamente na ecologia da interação, na acessibilidade perceptual *in situ* dos referentes, ou, mais especificamente, nas restrições socioinstitucionais e espaço-materiais da atividade em curso. Os trabalhos sobre referência resultantes da análise conversacional, considerando-a como uma realização interacional situada, discutiram extensivamente o caráter corporificado da referência, mobilizando gestos de apontar (STUKENBROCK, 2015), bem como várias práticas corporais (GOODWIN, 2000; HINDMARSH; HEATH, 2000; MONDADA, 2005, 2014).

Este artigo se apoia nesses desenvolvimentos a fim de contribuir para uma abordagem interacionista e multimodal da anáfora. A atenção se volta não apenas para as formas linguísticas utilizadas pelos participantes, mas também para os diversos recursos corporais (gestos, olhar, posturas) que eles usam para se referir a objetos materiais visualmente acessíveis.

Em particular, as seguintes questões serão abordadas: como os locutores se orientam em meio às escolhas linguísticas possíveis para apreender um referente já introduzido em uma sequência anterior e disponível visualmente no contexto material? Como essas escolhas são imbricadas em arranjos que incluem as disposições dos corpos dos interlocutores e as posições dos objetos referidos no espaço? Como quaisquer restrições organizacionais da atividade social em andamento afetam essas escolhas?

Depois de apresentar os dados (seção 3), a análise será realizada em três etapas. Em primeiro lugar, analisaremos os diversos recursos mobilizados pelos participantes para realizar a retomada do referente a distância, considerando a preferência organizacional da designação pelo nome (seção 4). Em seguida, estudaremos as questões memoriais e epistêmicas inerentes aos processos anafóricos como um problema prático para os participantes, inicialmente por meio do fenômeno de busca de nomes (seção 5), em seguida, por meio do destaque às práticas de explicação desses problemas pelos próprios participantes (seção 6).

3 OS DADOS

Abordaremos a anáfora a distância em uma situação em que as retomadas de referentes previamente introduzidos são ao mesmo tempo recorrentes e fundamentais para o bom andamento da atividade e constituem um problema prático para os participantes. Neste sentido, ela pode ser considerada como um *perspicuous setting* (GARFINKEL, 2002) para o estudo da anáfora na interação.

Ao apresentar os queijos, o garçom os enumera com uma breve descrição de cada um deles (incluindo particularmente o tipo de leite, o tipo de massa, a duração da maturação e a origem geográfica). A grande quantidade de informações dadas, a multiplicidade de objetos expostos (16 a 18 queijos sobre o carrinho), a tecnicidade de certas descrições, sua singularidade (os queijos são frequentemente curiosidades raras) e a distância temporal entre o momento da apresentação e o momento da escolha (a apresentação dura de três a cinco minutos, conforme as mesas, que podem contar com até seis pessoas) trazem um problema prático aos clientes. Eles devem fazer referência a objetos múltiplos, em concorrência, pouco comuns, mobilizando diferentes recursos, tais como a retomada parcial (mais ou menos fiel) dos termos introduzidos pelo garçom, o uso de expressões indiciais e de gestos de apontamento. Após cada uma das seleções, o garçom corta o queijo e dispõe um pedaço sobre um prato, tornando assim visível a sua compreensão da referência.

O *corpus* é constituído de gravações de vídeo de 12 refeições em um restaurante gastronômico francês, incluindo 38 clientes e 4 membros da equipe do salão. Os clientes observados escolhem de 3 a 17 queijos, cada um. Os clientes foram contactados antes de sua ida ao restaurante, no momento da reserva, e concordaram em ser filmados. Foi oferecido um desconto sobre o preço do menu, para agradecer-lhes pela participação no projeto.

Com o intuito de tornar mais explícito o nosso procedimento, propomos a análise preliminar de um excerto que ilustra os problemas práticos encontrados pelos participantes no contexto. O excerto começa com o início da apresentação do garçom:

(1a) (D1_T2)



1 GARÇOM madame monsieur (.) voici notre sélection# de fromages
 senhora senhor (.) aqui está a nossa seleção de queijos
 fig #fig.1
 2 qui vous est proposée ce soir.
 que lhes oferecemos nesta noite.
 ((15 linhas omitidas))
 18 GARÇOM *jus*te ici vous allez retrouver nos fromages à base de
 e bem aqui vão encontrar nossos queijos à base de
 aponta com a faca
 19 lait de chèvre. (.) *donc* le# gou*r noir*
 leite de cabra. (.) então o gour noir
 *....*aponta com o dedo indicador*,,*
 fig #fig.2

Tendo trazido o carrinho, o garçom começa a apresentação (com o dêitico “*voici*”/“*aqui*”, linhas 1-2). A bandeja dispõe de um arranjo ordenado de produtos, especialmente por tipo de leite, uma tipologia distribuída no espaço. Após apresentar os de ovelha (omitidos), o garçom apresenta os de cabra, começando novamente por um dêitico (*bem aqui*, linha 18) e por um gesto de apontamento realizado com a sua faca. Uma vez introduzida a classe das “cabras”, o primeiro queijo é mencionado, o *gour noir* (19), introduzido por seu nome, em seguida descrito com a ajuda de três pronomes



20 qui nous vient de corrèze
 que para nós vem de corrèze
 21 CLI2 mm: :
 hum : :
 22 GARÇOM euh: qui est très peu z'affiné donc qui reste euh
 eh : : que é bem pouco curado, então ele fica ahn
 23 relativement f*rais, même si* légèrement affiné.
relativamente fresco, mesmo que levemente curado
 aponta para o gour noir

relativos, especificando o lugar de origem (20), as características e a cura (22-23). O garçom aponta para o queijo quando ele o introduz, dizendo o seu nome (19), depois descrevendo uma segunda vez a consistência e a maturação. Este formato multimodal permite associar não somente o nome e o objeto, mas também as características e a aparência visual. Observaremos que a cliente produz um «hum::» apreciativo depois da primeira característica (21). A introdução do referente é assim uma realização linguística e corporal que permite aos clientes sentir a materialidade à qual eles têm acesso visual, associando a fala ao objeto graças ao gesto. Três minutos mais tarde, a cliente organiza assim sua seleção:

(1b) (D1_T2) ((55 linhas mais adiante))

```

94 GARÇOM    qu'est-ce qui vous ferait [plaisir madame?
              o que a senhora [gostaria?
95           (2.1)
96 CLI2      alors *j'gouterais +bien* le:#: (.) +chè:- le chèvre (.) là
              então, eu gostaria de experimentar o:: de (.) ca:- cabra (.) este
              *.....*aponta para o gour noir-->
              +olha para o gour noir+afasta os pratos-->
              #fig.1
fig          (0.6) * (0.3) +(0.4) * (0.3)*
97 cli2      ->* *.....*aponta para o gour noir-->
garçom      ->+olha para o CLI/queijo-->
98 le:# gour*din?#
o: gourdin?
              *olha para o garçom-->
fig          #fig.2 #fig.3
97 GARÇOM    le gour noir=
o gour noir=
98 CLI2      =gour du gour noir (donc je vais en prendre)
              =gour o gour noir (então vou querer este)
              ->*
99 GARÇOM    bien sûr
              claro

```



Depois de ter sido selecionada pelo garçom (94), a cliente escolhe o queijo, apontando para ele (Fig.1). Ela produz primeiramente um artigo definido alongado (“o::”, linha 96), que pode projetar o nome como uma descrição definida – seguindo a preferência por um *reconhecimento* [recognitionnal] (SCHEGLOFF, 1996). O nome acaba não sendo realizado, mas sim, o tipo (de leite), seguido por um dêitico espacial (96), sempre continuando o apontar. Neste momento, o garçom se abaixa um instante atrás do carrinho; quando ele olha novamente para a cliente, ela

Nesses dois excertos, os clientes utilizam o nome para fazer referência ao queijo de sua escolha. No excerto 2, a cliente enuncia o nome do queijo (1), ratificado pelo garçom (2). A partir da linha 3, o cliente 1 se engaja em uma sequência na qual ele manifesta seu conhecimento prévio do queijo por uma expressão avaliativa (3), depois pelo relato de uma experiência pessoal anterior (7-9). Observa-se o mesmo fenômeno no excerto 3. O cliente 1 seleciona o queijo, empregando o seu nome (2), orientando-se retrospectivamente pelas escolhas dos outros participantes (2-3). Ele fecha o seu turno de fala pela locução adversativa “e no entanto”, empregada ali, projetando um avaliativo, que manifesta um conhecimento anterior do queijo (3).

Nos excertos 2 e 3, os clientes selecionam o queijo, manifestando o fato de que o emprego do nome é fruto de um conhecimento comum, herdado de uma socialização anterior e não da apresentação do garçom.

Os dois excertos que seguem apresentam igualmente casos de designação do queijo pelo seu nome, mas, ao contrário dos casos precedentes, eles tornam visíveis uma orientação retrospectiva dos clientes, na apresentação fornecida pelo garçom.

(4) (D3T3)

1 GARÇOM juste ici quatre fromages qui ont été lavés (.) avec le mont d'or
 aqui quatro queijos que foram lavados (.) com o mont d'or
 2 (0.8) c'est la pleine saison du mont d'or
 (0.8) é a estação alta do mont d'or
 3 CLI1 ouais
 sim
 4 CLI2 ouais
 sim
 5 GARÇOM texture très crémeuse (.) [on est très bien avec ce mont d'or
 textura muito cremosa (.) [estamos muito bem com este mont d'or
 6 CLI1 [ouais ouais ouais
 [sim sim sim
 ((200 linhas omitidas))
 207 CLI3 le mont d'or qu'il faut goûter paraît-il?
 o mont d'or que é preciso experimentar parece
 208 GARÇOM on n'a pas le choix
 não temos escolha

Na ocasião de apresentação (1-6) do queijo que será *in fine* selecionado pela cliente 3, alguns minutos mais tarde (7-8), o garçom produz uma avaliação positiva (5). No momento de sua escolha (207), a cliente 3 se orienta retrospectivamente em relação a essa avaliação, compreendendo-a como uma recomendação. O emprego da oração relativa «que é preciso experimentar parece» deixa a impressão, bem como a prosódia interrogativa, de um endereçamento ao garçom como autoridade epistêmica e sensorial.

Um último excerto (5) confirma simultaneamente a preferência organizacional pelo emprego do nome e o problema prático que ela acarreta.

(5) (DIT3 02.15.00)

- 1 GARÇOM madame (.) je vous écoute (.) qu'est-ce qui vous ferait plaisir?
 senhora (.) estou às ordens (.) o que lhe agradaria provar?
- 2 CLI3 moi je veux goûter tous les: chèvres
 eu quero experimentar todos os: de cabra
- 3 GARÇOM tous les fromages de chèvres (.) [avec grand] plaisir.
 todos os queijos de cabra (.) [com grande] prazer.
- 4 CLI3 [ou::ais]
 [is::so]
- 5 CLI3 [chèvres]
 [cabra]
- 6 CLI1 [ouhouh] ahahah
 [uhuu] ahahah
- 7 (0.5)
- 8 CLI3 non pas tout le plateau (.) tous les chèvres (.) y'en a quatre
 não toda a bandeja (.) todos os de cabra (.) tem quatro
- 9 (2.9)
- 10 GARÇOM (ça) c'est du gour noir
 (isso) este é o gour noir
- 11 (5.7)
- 12 GARÇOM la galette (.) du beaujolais
 la galette (.) du beaujolais
- 13 (19.4)
- 14 CLI2 t'as trouvé la solution (.) comme ça tu n'as pas les noms à dire
 você encontrou a solução (.) assim você não tem que dizer os nomes
- 15 CLI3 je suis maligne hein?
 sou espertinha hein?

A cliente 3 faz seu pedido, fazendo referência ao conjunto dos membros de uma categoria («os de cabra», 2, 8). O garçom corta os queijos um por um, dizendo a cada vez os seus nomes (10, 12). Esta maneira de pedir os itens selecionados permite à cliente não precisar dizer o nome, deixando para o garçom mencioná-los. Fazendo assim, os dois se orientam para chegar na pertinência do nome, por duas perspectivas assimétricas, destacando a *expertise* de um e a aprendizagem eventual do outro. Isso permite ao terceiro participante (cliente 2) formular a maneira pela qual a cliente 3 procedeu na sua escolha como uma “solução” (14) para o problema de retomada dos nomes. Isso revela a orientação dos participantes para o problema prático (e publicamente observável para eles) de dizer o nome.

A preferência pelo emprego do nome remete, então, a algo para além de um problema de referência; revelando assimetrias de conhecimento, ou até de memória, ela assume um caráter normativo que torna publicamente disponíveis e avaliáveis as práticas dos convivas, suscitando questões de conhecimento, cultura, *expertise* e socialização.

4.2 O RECURSO À REFERÊNCIA DÊITICA

Na seção precedente, mostramos o emprego preferencial do nome durante o pedido de queijos. Contudo, há casos em que o nome do queijo solicitado não está disponível. O cliente recorre, então, a expedientes alternativos para assegurar uma inteligibilidade comum com o garçom na atividade de identificação e, conseqüentemente, na seleção de queijos. As práticas dêiticas, sejam verbais (demonstrativos) ou corporais (apontamento), permitem aos participantes fazer referência aos queijos colocados sobre a bandeja, privilegiando sua localização no espaço copresente.

Eis aqui um exemplo disso:

(6) (D3-t1/98j)

1 GARÇOM madame? (.) avez-vous peut-être une
 senhora? (.) a senhora teria talvez uma
 2 i+[dée de ce qui vous ferait plaisir?]
 i[deia do que gostaria de experimentar?]
 3 CLI3 +[alors (.) moi je vais goû]ter c+elui-ci là#+
 [então (.) eu vou]pro]var este aqui
 cli3 +.....+aponta-----+
 fig #fig.1
 4 GARÇOM le pecorino
 o pecorino



A cliente está posicionada de maneira muito próxima ao queijo que ela designa. Seu apontamento (3) permite assim assegurar, de modo não problemático, a referência. O garçom confirma sua compreensão, enunciando o nome, tornando assim manifesto o compartilhamento da referência.

Esta solução não surge, no entanto, sem causar problemas práticos. No caso de o cliente estar afastado da bandeja ou se os queijos estão em um segundo plano, o gesto de apontamento pode ser ambíguo e não assegurar uma inteligibilidade imediata da referência neste ambiente fervilhante de referências possíveis, o que mostra o excerto a seguir:

(7) (D1_T2)

1 GARÇOM un autre fromage vous ferait +plai[sir madame?]
 um outro queijo lhe agradaria senh[ora?]
 2 CLI1 [(alors juste)]+* celui-là
 [(agora apenas)] aquele ali
 cli1 +.....+aponta-->
 garçon *.....->
 3 CLI1 (.)*%# là (.) \$celui#-là *%\$
 (.) aquí (.) aquele-ali
 garçon ->*aponta com sua faca*
 garçon %olha para CLI1-----%
 cli1 %olha para GARÇ
 fig #fig.1 #fig.2
 4 GARÇOM mer+ci (.) le testun
 obrigado (.) o testun
 cli1 ->+



O queijo está situado no lado oposto à cliente e em segundo plano na bandeja. Ela utiliza primeiro uma expressão indicial («aquele ali», 2), que ela acompanha com um apontamento. Em resposta, o garçom aponta um queijo com sua faca e olha para a cliente, na espera da confirmação (3). O apontamento do garçom é ratificado pela cliente. O olhar dirigido pela cliente e a repetição da expressão indicial “aquele ali” permitem assegurar a inteligibilidade comum da referência. O garçom agradece a ela (4, o que pode ser visto também como um agradecimento pela sua participação no esforço interacional de assegurar a referência) e dá o nome do queijo (4).

A referência à localização do objeto é uma prática dêitica similar:

(8) (D3_T2/126/1.47.38)

```

1  CL11      et pour finir (.) juste par curiosité +celui est au ++fond +
      e para terminar (.) só por curiosidade aquele no fundo
      cl11
      fig      +.....+aponta+
              #fig.1
    
```



```

2      (0.2)*(0.2)*(0.3)
      garçom      *.....*aponta com uma faca-->
3  CL11      %voilà## (.) % 'voilà°.
      isso (.) 'isso°.
      garçom      -->*
      garçom      %olha CL11---%
      fig      #fig.2
4  GARÇOM      le mille-neuf-cent-vingt-quatre avec plaisir.
      o mil novecentos e vinte e quatro, com prazer.
    
```



A distância espacial do referente é aqui um recurso mobilizado pelo cliente para constituir a referência. O cliente¹ utiliza uma descrição espacial, especificando a localização do queijo sobre a bandeja («aquele que está no fundo», 1). O gesto de apontamento acompanha o pedido (Fig.1), mas ele é rapidamente retraído e não permite assegurar a identificação do queijo. Em resposta, o garçom aponta um queijo com sua faca e olha para o cliente (2-3, Fig.2). O cliente toma o gesto e o olhar que lhe é endereçado como um pedido de confirmação e, por um «isso» repetido, faz o garçom assegurar-se da identificação da referência (3). A referência é assegurada por uma produção

conjunta do cliente e do garçom. Como nos outros casos, o garçom dá o nome do queijo e encerra assim a sequência.

Assim, a anáfora a distância não coloca em jogo apenas a questão da memorização relacionada à distância temporal que separa a apresentação de queijos feita pelo garçom da seleção pelo cliente. Ela suscita igualmente problemas práticos ligados à distância espacial dos clientes com relação ao carrinho, que os impede de utilizar um simples dêitico para assegurar a referência e os compele a mobilizar recursos verbais descritivos mais elaborados.

4.3 RETOMADAS PARCIAIS DOS TERMOS DO GARÇOM

Uma outra maneira de realizar em conjunto a referência consiste em retomar parcialmente a descrição do garçom. A seguir, uma ocorrência:

(9) (DIT1)

1 GARÇOM euh:: du pays basque >vous connaissez peut-être< l'ossau-iraty?
ahn:: do país basco >os senhores conhecem talvez< o ossau-iraty?

2 CLI3 oui=
sim=

3 CLI4 =oui
=sim

4 GARÇOM voilà. (.) [on est dans le même esprit que l'ossau-iraty (.)
aquí está. (.) [estamos no mesmo espírito do ossau-iraty (.)

5 CLI2 [ouais\
[si::m\

6 GARÇOM l'ossau-iraty est un fromage de plaine (.) l'ardigasna est un
o osseau-iraty é um queijo de planície (.) o ardigasna é um
7 fromage de:: d'a- d'altitude (1.1) même principe c'est un
queijo de:: da- de altitude (1.1) mesmo princípio é um
8 fromage qui est frotté aux piments d'espelette
queijo que é salpicado de pimenta de espelette
(161 linhas omitidas)

169 CLI1 u::+hm cel+ui#+ aux piments
hu:hm este aí de pimenta
clil +.....+aponta+
fig #fig.1

170 GARÇOM bien sûr *monsieur.*
claro senhor
clil *.....*corta o queijo->>



Neste excerto, o cliente está distante da bandeja, e o emprego das expressões indiciais verbais e gestuais não lhe permite assegurar sozinho a identificação dos queijos. O Ossau-Iraty é descrito como «um queijo que é salpicado de pimentas de Espelette» (7-8). O cliente formula sua seleção, retomando parcialmente os termos do garçom. O apontamento é com certeza mobilizado (169, Fig.1), mas é produzido de maneira muito rápida: ele indica mais uma região da bandeja do que um objeto preciso e não permite assegurar a identificação de um queijo particular.

A reutilização da descrição do garçom pode tomar várias formas:

(10) (D1T1)

1 GARÇOM *juste ici vous avez l'étivaz (.) un fromage à pâte pressée cuite au
aqui temos o étivaz (.) um queijo de massa prensada cozida do*
2 *même titre que le comté (.) euh: c'est un fromage suisse qui est
mesmo modo que o comté (.) ahn: é um queijo suíço que é*
3 *affiné pendant dix-huit mois
maturado durante dezoito meses*
(100 linhas omitidas)
104 CLI1 *euh j'vais prendre euh (.) euh celui qui ressemble au comté (.)
ahn vou experimenter ahn (.) ahn este que parece com o comté (.)*
105 *le fromage suisse
o queijo suíço*
106 GARÇOM *l'étivaz?
o étivaz?*
107 CLI1 *oui
sim*

(11) (D3T3)

1 GARÇOM *au même titre que le comté sauf que là c'est suisse (.) que c'est
do mesmo modo que o comté, só que este aqui é suíço (.) que é*
2 *affiné dix-huit mois et que ça s'appelle l'étivaz
maturado dezoito meses e se chama étivaz*
(158 linhas omitidas)
161 CLI4 *comment il s'appelle le comté là?
como se chama o comté este?*
162 GARÇOM *c'est l'étivaz
é o étivaz*
163 CLI4 *eh bah voilà (.) et puis juste un petit peu d'étivaz
ah isso (.) então só um pouquinho de étivaz*

No excerto 10, o cliente retoma a comparação entre o Étivaz e o Comté, para realizar seu pedido (104). O garçom ratifica a identificação, lembrando o nome do queijo. Um formato alternativo é o emprego da interrogativa como prévia do pedido. É o caso no excerto 11, em que a cliente pergunta o nome do queijo por um nome que pertence ao seu conhecimento prévio e se baseia na lembrança que ela tem da comparação estabelecida pelo garçom (161). O garçom responde à questão, dando o nome do queijo (162), o que permite à cliente utilizá-lo em seguida, para identificar o queijo (163).

Esses excertos permitem que se perceba simultaneamente a importância da nomeação nas práticas de referência e igualmente as modalidades pelas quais os clientes mobilizam e evidenciam os fragmentos extraídos da apresentação do garçom.

5 PROJEÇÃO DO NOME, PESQUISA DO NOME E RECURSOS ALTERNATIVOS

Após haver mostrado os diversos modos de retomada anafórica e de referência utilizados pelos clientes no momento da apresentação dos queijos, veremos que essas práticas podem se combinar. Focalizaremos particularmente pedidos nos quais o nome é projetado pelo artigo definido, sem que, no entanto, seja realizado.

O emprego do artigo definido projeta o nome – e isso é suficiente para manter a produção colaborativa do nome:

(12) (D4T2)

1 CLI2 *je vais goûter le::=
eu vou provar o::=*
2 SERV *=le gour noir
=o gour noir*
3 CLI2 *le gour noir (1.2) mettez des petits bouts parce qu'il y en aura
o gour noir (1.2) ponha uns pedacinhos porque terá*
4 *plusieurs (.) °°comme ça ça permet [de goûter plusieurs°°]
Vários (.) °°assim é é possível [provar vários°°]*
5 SERV *[avec grand plaisir]
[com muito prazer]*

A projeção realizada pelo alongamento do artigo definido (“o:”, 1) permite ao garçom fornecer uma conclusão colaborativa. A projeção pode ser mais precisa, como no caso a seguir:

(13) (D4T3)

- 1 **CLI3** euh: (.) qu'est-ce qu'on va goûter? (.) le: (.) le: le ce- (.)
anh: (.) o que é que vamos provar? (.) o: (.) o: o ce- (.)
- 2 **mille euh:**
mil anh
- 3 **GARÇOM** mille-neuf-cent-vingt-quatre?=
mil novecentos e vinte e quatro? =
- 4 **CLI3** =mille-neuf-cent-vingt-quatre tout à fait
=mil novecentos e vinte e quatro é isso

O cliente emprega duas vezes um artigo definido alongado, sucedido pelo início do nome (hesitando entre “c-” que remete a “cem”, e “mil”). O Garçom completa com uma prosódia interrogativa, o que permite ao cliente confirmar o nome (4).

O cliente, após uma primeira hesitação no uso do artigo, pode enunciar o nome, com uma prosódia *try-marked* que solicita a confirmação do garçom:

(14) (D2T1)

- 1 **CLI2** euh:: (.) et puis le: (.) le langres c'est ça?
anh:: (.) e depois o: (.) o langres é isso?
- 2 **GARÇOM** oui tout à fait
sim esse mesmo
- 3 **CLI2** ah bah là (.) un truc de bon
ah hum aí (.) uma coisa muito boa

Esse caso mostra exatamente a preferência pelo *reconhecimento* e emprego da prática do *try-marking* para assegurar a partilha intersubjetiva da referência. Ao mesmo tempo, essa prática consagra a autoridade epistêmica do garçom.

Entretanto, a projeção lançada pelo artigo nem sempre é sucedida pela produção ou coprodução do nome. O locutor pode renunciar ao elemento projetado e recorrer a outros modos de designação, especificamente os dêiticos (cf. 4.2) e as retomadas de descrições (cf. 4.3). Os dois excertos seguintes mostram o abandono do que é projetado e a adoção de uma descrição parcial, com um sintagma preposicionado, retomada da apresentação precedente:

(15) (D1T3 2.21.00)

- 1 **CLI4** euh: j'vais *prendre le:* (.) * à l'espelette
anh: eu vou querer o: (.) à espelette
aponta a dist,*,*
- 2 **GARÇOM** bien sûr [monsieur
claro [senhor
- 3 **CLI4** [et: et au cacao
[e: e de cacao

(16) (D1T1)

- 1 **CLI4** euh: j'vais *prendre le:* (.) * à l'espelette
anh: eu vou querer o: (.) à espelette
aponta a dist,*,*
- 2 **GARÇOM** bien sûr [monsieur
claro [senhor
- 3 **CLI4** [et: et au cacao
[e: e de cacao

No primeiro caso, “à Espelette” retoma uma característica enunciada anteriormente na apresentação do carrinho; no segundo, “com o: (.) folha de figo” faz-se o mesmo. Nos dois casos, um gesto de apontar assegura a referência, e o garçom se limita a confirmá-la (sem nomear o objeto).

Essas práticas confirmam a preferência pelo nome, mesmo quando os clientes não chegam a enunciá-lo. Essa não disponibilidade do nome pode ainda ser formulada de forma explícita pelos participantes como um problema de memória.

6 RETOMADAS A DISTÂNCIA E FORMULAÇÃO DE PROBLEMAS DE MEMÓRIA

A projeção do nome desencadeia buscas por ele, as quais podem ser alcançadas colaborativamente ou mesmo abandonadas. Quando ocorre esse tipo de sequência, os participantes podem ser levados a formular os problemas práticos que eles encontram nessas buscas pelas palavras e a tornar explícitos os processos de memória, de esquecimento e de retenção, ligados à retomada de um discurso anterior. Tais fenômenos de explicitação permitem apreender os problemas de memória inerentes aos procedimentos anafóricos de forma endógena, adotando a perspectiva dos participantes, através da formulação situada desses problemas, das expectativas normativas que os caracterizam e das situações sequenciais de que eles emergem.

Essas retomadas de um discurso anterior esquecido são observadas nos três contextos sequenciais: imediatamente após a apresentação da bandeja, por uma orientação prospectiva (6.1), durante o próprio pedido (6.2), após o pedido, por uma orientação retrospectiva (não exemplificada aqui por falta de espaço).

6.1 A RETOMADA A DISTÂNCIA COMO TAREFA MEMORIAL EVOCADA NO MOMENTO DA SELEÇÃO DO PRÓXIMO CLIENTE

A apresentação da bandeja de queijos é caracterizada por uma retomada prolongada da fala do garçom, em que se enumera uma profusão de objetos e detalhes que os descrevem. No final dessa apresentação, os clientes tendem a se orientar em relação à dificuldade que é a memorização de uma lista desse tipo e em relação às exigências normativas inerentes à designação dos produtos.

A limitação da memória é tematizada no excerto seguinte, que ocorre imediatamente ao final da apresentação da bandeja (1):

(17) (D1_T3/2.14.35)

```

1 GARÇOM      qui est affiné pendant dix-huit mois.
1             que é curado por dezoito meses.
              >>olha para a mesa dos clientes->
2             (0.3) + (0.5) +
              ->+olha para CLI2+
3 CLI3        .h hhh[hhh
4 CLI4        [bah dis-donc
              [bom então
5 GARÇOM      >voilà.<
              >aquí está.<
6             (1.2)
7 CLI4        on va pas vous redemander de redonner [fi- les définitions
              não vamos pedir de novo para dizer mais uma vez [x- as definições
8 CLI3        [non:
              [não:
9 GARÇOM      moi [y'a pas de problè[me.
              eu [sem proble[ma
10 CLI4       [he he eh eh eh eh[eh
11 CLI3        [oh bah non mais c'est bon: (.)
              [oh não mas tudo bem: (.)
12            (on va quand même s'rappeler hein)
              (vamos então nos lembrar han)
    
```

A conclusão da descrição do garçom é ao mesmo tempo inteligível sintaticamente, audível prosodicamente, e visível pelo fato de que ele fixa um dos clientes: isto não indica unicamente o fim da apresentação, mas também uma orientação na direção da próxima locutora. No entanto, nenhum cliente se orienta a uma seleção iminente (2-4), nem à realização de um pedido. Ao contrário, o cliente 4 realiza a formulação negativa de uma outra situação possível, o pedido de uma repetição da apresentação (“pedir de novo para dizer mais uma vez”, 7), seguida de uma outra negação, depois que o garçom havia falado sobre sua disponibilidade, quanto ao cliente 3 (11-12). Há aí uma referência explícita à memória (12) em uma construção concessiva. Enquanto o cliente 4 evoca a falta de memória, ainda que negada, o cliente 3 reivindica a possibilidade de se lembrar. Esses dois aspectos coexistem com frequência nas formulações dos clientes.

Formulações similares são observadas na situação sequencial em que o participante seguinte é escolhido, afetando essa seleção:

(18) (D4_T3 ext ca 2.24.30)

1 CL10.4 >alors<
>então<
2 CL10.3 eh bah >c'est appétissant tout ça<
eh bom >é apetitoso tudo isso<
3 CL10.4 tsk (.) je commence parce que c'est: moi la femme (0.2)
tsk (.) eu começo porque é sou: eu a mulher (0.2)
4 he: hh (.) et après j'vais oublier ce que t'as dit (0.8)
eh: hh (.) e depois vou esquecer o que eu te disse (0.8)
5 donc j'vais commencer (.) hahahahaha
então vou começar (.) hahahahaha

(19) (D1_T3/2.14.35)

1 CLI4 allez-y mesdames (.) choisissez
vamos lá senhoras(.) escolham
2 CLI2 h. (.) euh: (.) karine vas-y (0.4) je te laisse faire. (0.7)
h. (.) anh: (.) karine vá (0.4) eu te deixo escolher. (0.7)
3 j'vais réfléchir pendant c'temps.
eu vou pensar enquanto isso
4 (1.6)
5 GARÇOM madame digère l'information
a senhora digira a informação
6 CLI4 ouais: c'est [ça (.) hehehe (.) elle traduit eh eh eh
sim: é isso [esse (.) hehehe (.) ela traduz eh eh eh
7 CLI2 [oui.h
[sim.h

(20) (D4_T3 ext)

1 GARÇOM messieurs? (.) qui se lance?
senhores? (.) quem começa?
2 CLI3 allez? j'me lance
vamos? eu começo
3 (0.5)
4 CLI4 .he he
5 CLI3 je crois que j'vais prendre la même euh:: ça va être la même
eu acho que eu vou pedir o mesmo ahn:: vai ser a mesma
6 punition (.) >°enfin punition°< (.) ça va être [la même chose
punição (.) >°enfim punição°< (.) vai ser [a mesma coisa
7 CLI4 [quelle punition?
[que punição?
8 (1.1)
9 CLI4 alors à voir si hh [(tu as de) la mémoire
então veremos se hh [(tu tem) memória

Enquanto, no excerto 18, o cliente 4 se autosseleciona evocando o risco de esquecer (4), no excerto 19, o cliente 2 se exclui para “pensar” (3). O primeiro acelera sua tomada de decisão; o segundo a retarda, e os dois se orientam pela ação a ser efetuada como se esta necessitasse de um processo cognitivo particular. No excerto 20, é o outro participante que formula a ação na qual o cliente 3 está se engajando e que coloca um desafio de memória (cuja ironia é também perceptível no risinho, 4).

6.2 FORMATAÇÕES DO PEDIDO QUE IMPLICAM A RETOMADA DE UM ELEMENTO PRECEDENTE

O pedido de um pedaço de queijo pode ser formatado de maneira a se referir não apenas ao objeto enquanto tal, mas também ao objeto tal como ele já tenha sido mencionado – quer dizer, como uma segunda menção. Isto é observado no emprego do imperfeito nos excertos seguintes:

(21) (D4_T3 ext)

1 **CLI3** euh: ça c’était +un brebis. alors en brebis
anh: esse era +um de ovelha. então de ovelha
>>olha a bandeja /mão do garçom-->>
garçom >>aproxima a faca do queijo corsa+
2 [vous avez:?
[você tem:?
3 **GARÇOM** [brebis? (.) fromage corse. (0.6) °°ça vous tente?°°
[ouvelha? (.) queijo corsa. (0.6) °°esse lhe tenta?°°

(22) (D4_T3 ext)

1 **CLI3** pt .h:: euh: en chèvre (.) qu’est-ce qu’on avait en chèvre déjà:?
pt .h:: anh: de cabra (.) o que que já tinha de cabra PRT?
2 **GARÇOM** en chèvre (0.8) le gour noir (0.6) [un petit peu:
de cabra (0.8) o gour noir (0.6) [um pouco mais:
3 **CLI3** [ehm

(23) (D4_T2 ds)

84 **CLI2** et alors on va goûter un des trois (0.2) euh: il y avait y’en a
e então vamos provar um dos três (0.2) anh: tinha aqui um
85 un qui était au foin, et y’en a un qui était à:: (c’est) dans les
um que era de feno, e tinha um que era de :: (é) nos
86 trois?
trê[s?
87 **GARÇOM** [foin (1.3) fève de cacao (0.6) >nature<.
[feno (1.3) fava de cacau (0.6) >natural<.

No excerto 21, o cliente, que havia anunciado a mesma coisa que o cliente precedente (cf. excerto 20), olha o queijo em direção ao qual se aproxima a faca do garçom e o categoriza como “ovelha”. Utilizando o imperfeito, ele traça essa categoria como tendo sido utilizada anteriormente pelo garçom. No excerto 22, o cliente faz uma pergunta sobre as cabras, empregando também o imperfeito, assim como o advérbio “já”; ambos referem-se a uma menção anterior e apresentam a questão como um convite a redizer. No excerto 23, o cliente faz referência a três variações do mesmo queijo, iniciando uma lista na qual menciona a primeira característica no imperfeito e introduz a segunda deixada em suspenso, também no imperfeito. Todos esses pedidos fazem referência a uma descrição anterior em que se pede implícita ou explicitamente ao garçom para lembrá-la.

Essas referências a uma menção anterior podem ser formuladas explicitamente como se se reportassem a um discurso anterior pelo uso do verbo *discendi*, como “dizer” ou “chamar”:

(24) (D1T2/2-34-00)

1 CLII j'*vais prendre un pet*it peu de::: (.) celui-là vous
 euvou pedir um pouco de::: (.) esse aí você
 *.....*aponta-->
 garçom +faca aponta o fourme-->
 2 m'avez dit que c'était #du::? *(.) >non,< alors c'est plutô#
 me tinha dito que era o::? (.) >não,< então é na verdade
 ->*desloca. aponta-->
 fig #fig.1 fig.2#



3 c+elui-l- [celui-ci il est italien celui là?]+
 e+sse a- [esse aqui ele é italiano esse aí?]
 4 GARÇOM [(juste ici)? le mille neuf cent vingt quatre?]
 [(esse aqui)? o mil novecentos e vinte e quatro]
 garçom ->+faca sobre 1924-----+
 (0.7)
 6 GARÇOM alors +juste ici on est [[italien
 então esse aqui a gente é [[italiano
 7 CLII [[*>du gorgonzola?< (.) et *celui-là#
 [[>o gorgonzola?< (.) e esse aí
 garçom +faca aponta gorgonzola-->
 clii ->*desloca. aponta--*desloc.bandeja-->
 fig fig.3#
 8 c'était +vous m'avez dit?
 era você tinha me dito?
 garçom ->+faca sobre 1924->



9 GARÇOM ça c'est le mille neuf cent vingt quatre
 esse é o mil novecentos e vinte e quatro
 10 CLII d'accord. je vais prendre celui-là alors.
 de acordo. eu vou querer esse aí então.
 ->+



O gesto de apontar do cliente acompanha um pedido que se transforma progressivamente em uma questão sobre o nome, em que tudo é guiado pela mão do garçom. Duas ações são realizadas alternadamente: a referência ao objeto e a busca pelo nome. O cliente inicia sua pergunta, lançando o nome do queijo com um alongamento silábico (“um pouco de::”, 1), sempre apontando (Fig. 1). No lugar do nome, ele utiliza um demonstrativo (“esse aí”, 1) e prolonga o percurso transformando-o em questão (“você tinha me dito que era o::”, 1-2). Todavia, ao mesmo tempo, o cliente se engaja em uma nova ação: ele corrige a referência (por “não” e o deslocamento do seu gesto de apontar), em resposta ao movimento do garçom, que coloca sua faca sobre um queijo (ele mesmo orientado retrospectivamente para a primeira pergunta). A reparação (2-3) guia a mão do garçom, que se desloca em direção a um objeto adjacente (Fig. 2). Uma nova ação é, então, realizada pelo cliente, que identifica esse objeto como “italiano” e pede confirmação (3), enquanto o garçom aponta para e menciona uma terceira possibilidade (4). O garçom desloca sua faca sobre o gorgonzola e confirma que se trata de um queijo italiano (6), enquanto que o cliente mostra que o reconheceu pronunciando seu nome (7). Ele muda levemente o modo de apontar e reformula sua questão (7-8), que visava ao 1924 (Fig. 3). A busca por uma referência comum (realizada pelo modo de apontar dos dois participantes) não é considerada satisfatória pelos participantes; o cliente trata a formulação reiterada do nome do objeto como uma condição para sua aceitação (10).

As menções prévias da referência são, pois, evocadas em seu contexto de busca de um nome ausente; eles podem explicitamente se referir a essa não disponibilidade como um “esquecimento”. Encontramos duas dessas ocorrências nos trechos seguintes:

(25) (D3_T1/358/1.56.12)

1 CL11 — ensu*ite je vais goûter* euh:# (.) celui-ci avec* la* feuille.
 em se guida eu vou provar anh: (.) esse aqui com a folha.
 *.....*aponta-----*,,,*
 fig #fig.1A/B



2 GARÇOM bien [sûr.
 claro que [sim.
 3 CL11 [de:: (.) j'ai oublié de quoi
 [de:: (.) eu me esqueci de que
 4 GARÇOM le mothais sur feuille
 o mothais sobre a folha
 5 CL14 de châtaigner?
 de castanheira?
 6 CL13 \$de châtaigner c'est [ça.
 \$de castanheira é [isso.
 7 GARÇOM [de feuille de châtaigner (xx)
 [de folha de castanheira (xx)

(26) (D4_4_T2 ds 2.50/62ff)

1 CLI2 .h* (0.2) .hhh celui-ci: je* sais* p[us: le::: m:
 .h (0.2) .hhh esse aqui: eu não sei ma[is: o::: m:
 2 GARÇOM [le taleggio
 [o taleggio
 cli2 *aponta-----*,*,*,*
 3 (0.2)
 4 CLI2 voilà:. (.) italien avec euh je [sais p`us:::
 então:. (.) italiano com anh eu não [sei mais:::
 5 GARÇOM [italien xx avec de l'alcool
 [italiano xx com alcool
 6 de raisin
 de uva
 7 CLI2 voi:là.
 iss:o.

Esses dois casos apresentam um encadeamento similar. A referência se faz com um gesto de apontar e um demonstrativo (“esse aqui”) nos dois casos, precedido de algumas aspirações ou hesitações, e seguido por um sintagma preposicional no primeiro caso, completando a descrição. Nos dois trechos, a Gestalt multimodal assegura a referência, o que torna visível a resposta do garçom. Esse último se alinha com o pedido (no caso do excerto 25) ou fornece o nome do queijo (excerto 26). Apesar do estabelecimento de uma referência partilhada, os participantes consideram retrospectivamente o seu percurso incompleto. Em cada um dos casos, eles não afirmam apenas ter esquecido; eles exibem o esquecimento ao continuar sua ação referencial. No excerto 25, a cliente adiciona “de::” (3) que vem especificar a folha. No excerto 26, ela adiciona “o:::m:” (1), que projeta um nome não realizado. Como nos excertos precedentes, assegurar a referência não é considerado suficiente. Embora eles a tenham assegurado, os clientes *afirmam* não saber mais, ou ter esquecido e, ao fornecerem uma expansão de seu nome, *mostram* ao mesmo tempo as ovelhas, que eles tinham retido, e o fato de terem se esquecido.

Esses acréscimos revelam às vezes o esquecimento. Mais raramente, eles podem também revelar que se tinha retido alguma coisa, como aqui:

(27) (D4_T2 ds 3.10)

1 CLI2 hop *(.) j'vais:* goûter celui:* (.)* le corse.
 hop (.) eu vou: provar esse: (.) o corse.
 *.....*aponta-----*,*,*,*
 2 (0.6)
 3 GARÇOM avec plaisir madame.
 com prazer senhora.
 4 (1.2)
 5 CLI2 •avec les herbes du maquis* (0.6) c'[est ça hein? (.) j'ai retenu?
 com as ervas do maquis (0.6) é[é isso anh? (.) eu me lembrei?
 •levanta os ombros e sorri•
 6 CLI1 [et piments hh
 [e pimentas hh
 7 GARÇOM (mad[ame)
 (senh[ora)
 8 CLI2 [et piments (.) [bien.
 [e pimentas (.) [bom.
 9 GARÇOM [tout retenu [hein
 [tudo entendido [PRT
 10 CLI2 [.hh

A referência é aqui assegurada pelo apontamento acompanhado, de início, de um demonstrativo e, em seguida, de um sintagma nominal (1). A resposta do garçom (3) mostra que o percurso é completo e suficiente para partilhar a referência. Entretanto, o cliente adiciona um sintagma preposicional que completa a descrição (5), o qual é enunciado sorrindo, seguido de um primeiro pedido de confirmação e de um segundo que menciona a memória. A cliente 2 não apenas expõe o que ela reteve;

seu companheiro ajusta um outro detalhe que tinha sido mencionado na apresentação (6), que ela avalia positivamente (8). O garçom ratifica ambos, retomando o mesmo verbo que a cliente 2 (“tudo entendido hein”, 9). Aqui a reconclusão do percurso é uma prática utilizada para exibir a memorização da descrição precedente, ainda que a referência tenha sido assegurada anteriormente.

Em todos os casos examinados aqui, os participantes não se limitam a buscar o nome do objeto solicitado; eles elaboram sua busca formulando-a em termos de processos cognitivos e memoriais. Ao fazerem isto, eles mostram que compreendem a atividade na qual estão engajados como algo que não consiste simplesmente no acompanhamento de uma referência partilhada, mas na retomada adequada do discurso de autoridade inaugural. Trata-se assim de uma maneira duplamente normativa, tanto pela forma da referência quanto pelo tipo de ação efetuada (retomada, até citação, do discurso precedente, mais do que simples referência).

Essas retomadas de um discurso precedente esclarecem, do ponto de vista dos participantes, vários aspectos frequentemente mencionados nos estudos da anáfora: a) tornam visível uma orientação dos participantes em direção a um discurso anterior, que tem um valor de autoridade e norma, b) mostram como este se combina com outras formas de referência, dêiticas, mas se for confundido com elas (distinção entre retomada e referência), c) ilustram a maneira pela qual os participantes se orientam em direção à atividade como comportando tarefas de memória.

7 CONCLUSÃO

Este artigo discute a anáfora como um processo realizado pelos participantes no decorrer de sua atividade. Essa perspectiva êmica possibilita um novo olhar sobre a anáfora, sensível às modalidades por meio das quais os próprios participantes a tratam como um problema prático que envolve, em particular, às vezes explicitamente, suas capacidades memoriais e seus conhecimentos.

A análise que realizamos se interessa por um contexto socioinstitucional único, no qual a anáfora a distância é um problema saliente, inclusive para os próprios participantes. Pedir um queijo em um restaurante pode parecer uma atividade trivial quanto a se referir a um objeto. No entanto, os clientes mostram que não consideram os recursos referenciais possíveis e disponíveis como equivalentes, o que coloca diferentes problemas práticos para os participantes e testa sua capacidade de memorização e seus conhecimentos prévios.

A atividade de seleção dos queijos não consiste simplesmente em fazer referência a eles (a identificação compartilhada de um objeto poderia ser feita de forma puramente dêitica), mas é verdadeiramente um problema de renomeação que se refere explicitamente a um discurso anterior. Os clientes tendem, assim, a manifestar publicamente a relação de saberes que mantêm com o queijo e com as suas características, quer seja herdada da sua socialização anterior ou, e é isso que nos interessa aqui, resultante de um trabalho de recuperação e memorização.

A primeira contribuição de nosso artigo é evidenciar a dimensão multimodal da anáfora. Ao colocar as práticas de retomada em seu contexto de emergência, a escolha de um queijo aparece como uma atividade complexa, engajando recursos verbais e corporais à disponibilidade visual dos objetos na ecologia. A disposição espacial dos queijos no tabuleiro permite, assim, que os participantes se refiram a eles por meio do uso de descrições indiciais vinculadas ao seu posicionamento no espaço. Essa disponibilidade material dos queijos também permite que os clientes cumpram colaborativamente a referência, usando gestos de apontar ou olhares para eles mesmos, e, assim, orientem o garçom na identificação dos queijos que desejam. Desse ponto de vista, é interessante notar a forma como os objetos materiais participam da atividade referencial: o garçom,

por exemplo, não só usa a faca para fatiar os queijos, como também para designar os produtos, manifestando, assim, compreensão dos turnos de fala dos clientes.

Um segundo aspecto de nossa abordagem é a adoção de uma perspectiva êmica e contextual para estudar os fenômenos cognitivos inerentes aos processos anafóricos. Ao nos interessarmos pela memória como uma prática situada e corporificada, nossa abordagem pode ser concebida, nos termos de Garfinkel (1991), como um empreendimento de “reespecificação” da anáfora a distância e dos problemas de memória discursiva subjacentes a ela. Este empreendimento visa a relatar os problemas práticos encontrados pelos participantes e as soluções que eles implementam sem prestar atenção (buscas por palavras, autorreparações) por meio de suas formulações no contexto (GARFINKEL; SACKS, 1970; HERITAGE; WATSON, 1979).

Tal reespecificação permite considerar novamente a dimensão cognitiva da anáfora, muito importante na literatura, por considerá-la como “um problema de membro” (GARFINKEL, 1991), e deslocar a questão do estudo da cognição *per se* – na medida em que seria um fenômeno privado – no sentido das atividades cognitivas – e como fenômenos públicos – na medida em que se tornam observáveis e relevantes no decorrer da interação (LYNCH, 2006). Tal deslocamento é possível, em particular, pela análise dos processos reflexivos pelos quais os participantes tornam visíveis os problemas de memorização que encontram, seja ao mostrar fragmentos de memória ou ao se orientar explicitamente em relação à sua capacidade (ou incapacidade) de memorizar os elementos do discurso anterior. Assim concebidas, as atividades cognitivas de conhecimento e de memorização podem estar relacionadas à dimensão normativa e obrigatória de determinado contexto socioinstitucional em que são realizadas. Este é caracterizado pela expectativa – em torno da qual os participantes se orientam tacitamente – de identificar os referentes preferencialmente pelo nome e pela valorização social do conhecimento do nome dos queijos. Deste ponto de vista, os processos anafóricos que os clientes mobilizam para proceder à escolha podem ser vistos como formas de se filiarem à autoridade epistêmica do garçom, na medida em que ele incorpora a cultura gastronômica e, portanto, como formas de atualizar e exibir seu capital simbólico e sua distinção (BOURDIEU, 1979).

REFERÊNCIAS

ARIEL, M. *Accessing NP antecedents*. Londres: Routledge, 1990.

ARIEL, M. Interpreting anaphoric expressions: a cognitive versus a pragmatic approach, *Journal of Linguistics*, v. 30, n. 1, 3-42, 1994.

BOURDIEU, P. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit, 1979.

CORNISH, F. English demonstratives: discourse deixis and anaphorapp: a discourse-pragmatic account. In: NILSON, R. A.; AMFO, N. A. A.; BORTHEIN, K. (ed.). *Interpreting utterances: pragmatics and its interfaces*. Essays in honour of thorstein fretheim. Oslo: Novus Press, 2007. p. 147-166.

CORNISH, F. ‘Strict’ anadeixis, discourse deixis and text structuring. *Language Sciences*, v. 33, n. 5, p. 753-767, 2011.

CORNISH, F. SN démonstratifs et anadeixis: sens “spatial” ou valeurs tributaires d’une stratégie pragmatique potentielle? *Journal of French Language Studies*, v. 27, p. 215-239, 2017.

- EHLICH, K. Anaphora and deixis: same, similar, or different? In: JARVELLA, R. J.; KLEIN, W. (ed.). *Speech, place and action*. Chichester: John Wiley and Sons, 1982. p. 315-338.
- FOX, B. A. *Discourse Structure and Anaphora: written and conversational English*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- FOX, B. A. (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: Benjamins, 1996.
- GARFINKEL, H. Respecification. In: BUTTON, G. (ed.). *Ethnomethodology and the human sciences*. Cambridge: CUP, 1991. p. 10-19.
- GARFINKEL, H. *Ethnomethodology's program: working out durkheim's aphorism*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.
- GARFINKEL, H.; SACKS, H. On formal structures of practical actions. In: MCKINNEY, C.; TIRYAKIAN, E. A. (ed.). *Theoretical sociology*. New York: Appleton-Century-Crofts, 1970. p. 338-366.
- GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 32, n. 1489-1522, 2000.
- GUNDEL, J.; HEDBERG, N.; ZACHARSKI, R. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, v. 69, n. 2, p. 274-307, 1993.
- HERITAGE, J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. *Research on Language and Social Interaction*, v. 1, n. 45, p. 1-29, 2012.
- HERITAGE, J.; WATSON, D. R. Formulations as conversational objects. In: PSATHAS, G. *Everyday language: studies in ethnomethodology*. New York: Irvington Press, 1979. p. 123-162, 1979.
- HINDMARSH, J.; HEATH, C. Embodied reference: a study of deixis in workplace interaction. *Journal of Pragmatics*, v. 32, p. 1855-1878, 2000.
- LAURY, R. Interaction, grounding and third-person referential forms. In: BRISARD, F. (ed.). *Grounding: the epistemic footing of deixis and reference*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 83-111.
- LYNCH, M. Cognitive activities without cognition? Ethnomethodological investigations of selected 'cognitive' topics. *Discourse Studies*, v. 8, n. 1, p. 95-104, 2006.
- MONDADA, L. La constitution de l'origo déictique comme travail interactionnel des participants : une approche praxéologique de la spatialité. *Intellectica*, n. 41-42, p. 75-100, 2005.
- MONDADA, L. Pointing, talk and the bodies: reference and joint attention as embodied interactional achievements. In: SEYFEDDINIPUR, M.; GULLBERG, M. (ed.). *From gesture in conversation to visible utterance in action*. Amsterdam: Benjamins, 2014. p. 95-124.
- PEKAREK, S. Linguistic forms and social interaction: why do we specify referents more than is necessary for their identification? In: VERSCHUEREN, J. (ed.). *Pragmatics in 1998*. Antwerp: International Pragmatics Association, 1999. v. 2, p. 427-448.
- PEKAREK DOEHLER, S. Anaphora in conversation: grammatical coding and preference organization. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, v. 7, n. 1, p. 183-196, 2000a.

PEKAREK DOEHLER, S. Long distance pronominal anaphora: a grammar-in-interaction account. *Proceedings of the Discourse Anaphora and Reference Resolution Conference*, Lancaster, University Centre for Computer Corpus Research on Language Technical Papers, v. 12, p. 185-196, 2000b.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A. Two preferences in the organization of reference to persons and their interaction. In: PSATHAS, G. (ed.). *Everyday language: studies in ethnomethodology*. New York: Irvington Publishers, 1979. p. 15-21.

SCHEGLOFF, E. A. Some practices for referring to persons in talk-in-interaction: a partial sketch of a systematics. In: FOX, B. (ed.). *Studies in Anaphora*. Amsterdam: Benjamins, 1969. p. 437-485.

STUKENBROCK, A. *Deixis in der face-to-face-Interaktion*, Berlin: De Gruyter, 2015.

VERFAELLIE, M.; LAROCQUE, K. F.; RAJARAM, S. Benefits of immediate repetition versus long study presentation on memory in amnesia. *Neuropsychology*, v. 24, n. 4, p. 457-464, 2010.

Convenções

As convenções utilizadas são as de Jefferson para o verbal e Mondada para o multimodal. Disponível em: <https://www.lorenzamondada.net/resources>. Acesso em: 13 set. 2021.

Visite nosso site
www.imprensa.ufc.br



Versão digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - Benfica
CEP.: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
imprensa@proplad.ufc.br